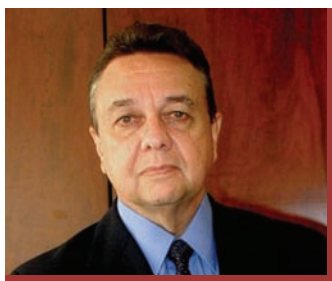


## Diário de bordo

Fertilizantes,  
uma limitação

Roberto Rodrigues\*

MUITO SE tem escrito sobre o explosivo aumento dos preços dos produtos agrícolas em todo o mundo nos últimos dois anos. O crescimento da renda dos consumidores de países emergentes aumentou o consumo, enquanto a oferta não acompanhou a demanda. Com isso, os estoques mundiais caíram, estimulando investimentos especulativos que, somados ao desequilíbrio referido, elevaram preços.

Outros dois fatores contribuíram: o uso de uma parte da safra do milho americano para etanol reduziu a oferta de grão para alimentação animal e humana; e o aumento dos custos de produção, determinado, entre outras razões, pelo petróleo e pelos fertilizantes.

Com os preços convidativos, agricultores em todos os continentes plantarão mais e, em alguns anos, será restabelecido o equilíbrio oferta/demanda, com os preços declinando.

Mas a questão dos fertilizantes não parece assim tão fácil, e pode ser um fator limitante para o resgate. O Brasil é impactado fortemente por esse problema.

Nos últimos dez anos (1997 a 2007), nosso consumo em toneladas aumentou 78,3%, e a produção apenas 34,2%. Com isso, nossas importações de matéria-prima cresceram 370% em dólares no mesmo período. É bem verdade que as exportações também cresceram, mas

não chegaram a 200%, muito abaixo do aumento das importações.

E nossa demanda crescerá mais, devido à ocupação de áreas de pastagens em cerrados pobres. Em 1990, o Brasil consumia 3,2% de todo o fertilizante do mundo, e hoje consumimos 6,1%, quase o dobro.

Não fosse a valorização dos grãos no mercado internacional, nossos produtores já estariam perdendo capacidade de produção por causa dos custos crescentes.

Mas há produtos para os quais a relação de troca ficou muito ruim, como a cana: em 2007, eram necessárias 19,8 toneladas de cana para comprar 1 tonelada de adubo de soca; em 2008, serão necessárias 30,4 toneladas, 50% a mais. Com 3 sacas de café de 60 kg, em 2007 comprava-se 1 tonelada de adubo; hoje precisam-se de 3,5 sacas. Em algodão, saltamos de 47,2 arrobas para 58,8!

Esses dados preocupam, especialmente nos próximos dois ou três anos, porque a indústria mundial vinha produzindo matérias-primas em operação próxima ou superior a 90% da capacidade instalada. Poucos investimentos importantes foram feitos no setor.

No caso dos fosfatados, o mercado deverá ser apertado em 2008, seja pela limitada produção de rocha fosfática, seja pelos elevados custos do enxofre, seja pela sobretaxa imposta pela China às exportações de matéria-prima.

Quanto ao cloreto de potássio, o aumento da produção será marginal, o que já determinou o encarecimento do produto nos últimos meses.

E os nitrogenados, com a demanda indiana e as sobretaxas, terão mercado apertado.

É preciso cuidar disso atentamente, inclusive buscando novas tecnologias de fertilização, sob pena de vermos prorrogado o desequilíbrio entre a oferta e a demanda de alimentos, fato que não interessa a ninguém, porque vai acabar em intervenção governamental, que distorce mercados. ■

\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

## Produzir

Alimentos e  
biocombustíveis

Cesário Ramalho da Silva\*

A TESE de que a produção de biocombustíveis vem tomando área do cultivo de alimentos, contribuindo para sua escassez e aumento dos preços, não se aplica ao Brasil. Temos matéria-prima e terras para produzir ambos de forma coexistente. O mesmo não se pode dizer de Estados Unidos e Europa, que redirecionam grãos, e usam áreas antes destinadas aos alimentos, para os biocombustíveis.

O Brasil tem história na produção de álcool a partir da cana-de-açúcar que remonta a 1975, com o impulso do Pro-álcool. De lá para cá, instituímos a obrigatoriedade da mistura do produto à gasolina, avançamos para os carros a álcool e subimos mais um degrau com os modelos *flex*.

Essa trajetória, impulsionada pela pesquisa, que levou a significativos ganhos de produtividade, mostra conhecimento e resultados que posicionam o Brasil como a maior autoridade na produção de combustível limpo, renovável, de biomassa, a custo baixo, sem subsídios e que não compete com alimentos.

Não copiamos os EUA e a Europa. Na verdade, já substituímos 43% de nossa gasolina e nos preparamos para exportar produção e eficiência tecnológica para o mundo. Aqui reside o desafio de transformar o etanol em *commodity* e na adição obrigatória de biocombus-